



Um dos elementos mais celebrados do projeto são os cobogós voltados para o poente

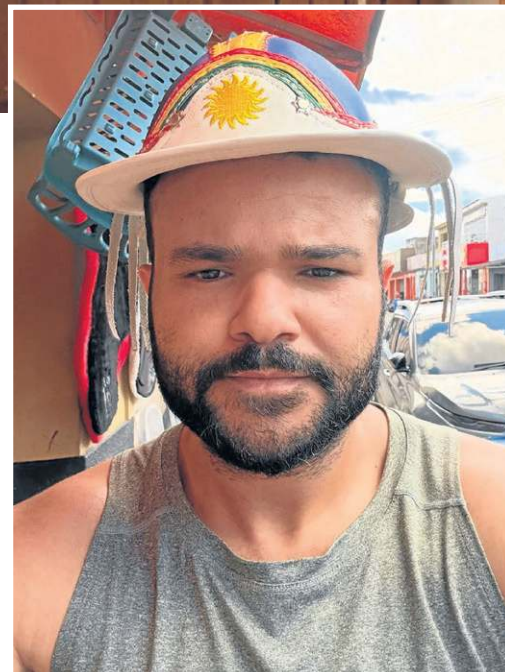


Fachada depois da reforma

Reprodução/Instagram/@zeoarquiteto



Nalva é mãe de Zé Vágner e moradora da casa: pitacos durante a obra



Reprodução/Instagram/@zeoarquiteto

Zé Vágner, vencedor da categoria Residencial do prêmio Building of The Year 2026, promovido pelo ArchDaily

A casa que cresceu com a família

A Casa de Mainha não começou como um projeto pensado para publicação. Pelo contrário. Era a casa da mãe, a costureira Marinalva Francelino, conhecida por Nalva Noivas. Foi construída manualmente na década de 1980, quando o tijolo era feito no próprio lote: barro pisado, moldado, seco ao sol. A cada reforma, a casa aumentava. As marcas desse crescimento estavam nas paredes — literalmente. Ao descascar rebocos, surgiam tijolos de adobe com a marca dos dedos de quem os moldou: o pai, a mãe, a história da família.

A ideia inicial partiu das visitas do filho arquiteto. Toda vez que voltava do Recife, reclamava do pé-direito baixo, da casa escura, dos ambientes mal ventilados. Ao meio-dia, era preciso acender a luz da sala. Faltava um espaço de encontro. Faltava ar. Faltava saúde. A decisão de reformar foi da mãe, também financiadora da obra. E isso determinaria não apenas o orçamento enxuto, mas também as tensões criativas do processo.

A grande demanda da cliente, que era também sua mãe, era simples e urgente: ventilação, iluminação, conforto térmico. A estética viria depois. O projeto partiu, portanto, de estratégias climáticas.

A fachada, voltada para o lado que mais recebe vento, foi vazada com cobogós, permitindo ventilação cruzada. O pé-direito foi ampliado e a cumeeira elevada, para favorecer a exaustão do ar quente, que sobe naturalmente. Janelas altas permitem abertura mesmo em dias chuvosos, evitando o abafamento. O pátio interno ganhou proporção capaz de distribuir melhor luz e vento.

O uso do adobe existente não foi apenas uma escolha afetiva, mas também técnica. Segundo Zé, o tijolo de terra crua possui eficiência térmica superior à

alvenaria convencional. Parte das paredes originais foi preservada; outras precisaram ser demolidas para ampliar os espaços, mas os tijolos reaproveitáveis foram guardados. Nada vinha de além de um raio de 11 quilômetros. A mão de obra era local: o pedreiro e a servente eram vizinhos, pessoas que aprenderam o ofício com os pais. Não havia equipe especializada, mas havia saber acumulado.

Um dos elementos mais celebrados do projeto são os cobogós voltados para o poente. No fim da tarde, a luz atravessa os vazios e desenha padrões que aquecem visual e termicamente o interior. “Ficou melhor do que no projeto”, admite.

***Estagiária sob supervisão de Sibele Negromonte**